



A DOR DE EXISTIR: BUYTENDIJK E MERLEAU-PONTY PENSANDO O SOFRIMENTO HUMANO

The pain of existing: Buytendijk and Merleau-Ponty thinking of human suffering

IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA*

El dolor de existir: Buytendijk y Merleau-Ponty pensando en el sufrimiento humano

Resumo: Nosso objetivo é analisar a dor como experiência de existir, segundo as reflexões filosóficas de Buytendijk e Merleau-Ponty. Para fundamentar nossa análise, usamos como base os textos *De la Douleur* de Buytendijk e *Phénoménologie de la Perception* de Merleau-Ponty. O foco é mostrar como esses dois filósofos consideram a dor, a partir da perspectiva fenomenológica, como expressão da condição humana de existir em permanente sofrimento. Somos marcados pelo trágico destino do sofrimento com uma impossibilidade radical de escaparmos da dor. O corpo próprio, que experimenta a dor singular de existir, revela uma espécie de dor constitutiva enquanto mal-estar fundador da humanidade. Concluímos mostrando que o sofrimento, que não pode ser eliminado, exige dos humanos o trabalho do amor em que somos chamados para cuidar uns dos outros. Desse modo, o amor é o sinal de esperança que torna possível nos ligarmos ao outro e ter compaixão pela sua dor.

Palavras chaves: Dor. Existir. Sofrimento. Buytendijk. Merleau-Ponty.

Abstract: Our aim is to analyze pain as an experience of existing, according to the philosophical reflections of Buytendijk and Merleau-Ponty. To support our analysis, we use as a basis the text *De la Douleur* by Buytendijk and *Phénoménologie de la Perception* by Merleau-Ponty. The focus is to show how these two philosophers consider pain, from the phenomenological perspective, as an expression of the human condition of existing in permanent suffering. We are marked by the tragic fate of suffering with a radical impossibility to escape from pain. The body itself, which experiences the unique pain of existing, reveals a kind of constitutive pain as the founding malaise of humanity. We conclude by showing that suffering, which cannot be eliminated, demands from humans the work of love in which we are called to care for one another. In this way, love is the sign of hope that makes it possible to connect with one another and have compassion for their pain.

Keywords: Pain. To exist. Suffering. Buytendijk. Merleau-Ponty.

Resumen: Nuestro objetivo es analizar el dolor como experiencia de existir, según las reflexiones filosóficas de Buytendijk y Merleau-Ponty. Para fundamentar nuestro análisis, utilizamos como base los textos *De la Douleur* de Buytendijk y *Phénoménologie de la Perception* de Merleau-Ponty. El enfoque es mostrar cómo estos dos filósofos consideran el dolor, desde la perspectiva fenomenológica, como expresión de la condición humana de existir en permanente sufrimiento. Estamos marcados por el trágico destino del sufrimiento con la imposibilidad radical de escapar del dolor. El cuerpo propio, que experimenta el dolor singular de existir, revela una especie de dolor constitutivo como malestar fundador de la humanidad. Concluimos mostrando que el sufrimiento, que no puede ser eliminado, exige de los humanos el trabajo del amor en que somos llamados a cuidar unos de los otros. De ese modo, el amor es el signo de esperanza que hace posible que nos conectemos con el otro y tengamos compasión por su dolor.

Palabras clave: Dolor. Existir. Sufrimiento. Buytendijk. Merleau-Ponty.

* Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências da Saúde - Campus I, Departamento de Educação Física. Email: caminhairaquitan@gmail.com. Orcid: 0000-0003-0840-9727



Introdução

Buytendijk¹(1951), em seu texto *De la Douleur*, inicia suas reflexões sobre a dor na sociedade moderna destacando o problema da essência do sentido da existência humana. Esse problema diz respeito à ideia de que cada ser humano faz de si mesmo e de seu próximo. Essa ideia evoca questões vitais concernentes ao sofrimento humano em geral e, de maneira particular, ao tema da dor. Somos marcados pelo desamparo e pela vulnerabilidade. Tais marcas se revelam de maneira intensa pela dor e pelas representações que podemos fazer dela no cenário de nossas elaborações mentais.

Buytendijk (1951) propõe colocar o problema da dor no campo da experiência pessoal do ser humano na modernidade, tempos marcados pela busca de explicar a dor no círculo fechado de uma vivência individual isolada e desprovida do suporte da religião e da tradição. Desapegado de Deus e de seu passado, o ser humano moderno se pergunta pelas causas de seu sofrimento, ligadas à natureza e à civilização, sem recorrer às certezas de suas orientações religiosas e de seus antepassados. Apegando-se somente a si, o ser humano pergunta: qual o sentido da dor na existência? Tal perspectiva nos faz lembrar de Kant que, no contexto da *Aufklärung*, evoca a questão da coragem de assumir seu próprio destino por meio da autonomia do pensar. Ouse saber – *Sapere Aude* – é a fórmula que Kant (1985) encontra para expressar o lema iluminista de pensar por si mesmo, que podemos evocar como símbolo da modernidade.

A dor pode ser vista como a marca do ser humano moderno que grita sem ter aonde se segurar para encontrar um sentido para sua dor. Ao romper os laços com as crenças religiosas e os legados das tradições, o ser humano perde seus fundamentos que sustentam suas cosmovisões habituais. Apesar deste quadro, Buytendijk (1951) ver uma oportunidade de procurar uma causa profunda da dor humana para além da ocasião imediata. Duas causas podem ser apontadas. Em primeiro lugar, o ser humano se encontra em profundo estado de dor e sofrimento, vivendo um intenso desamparo em relação à natureza e à civilização. Ele vive uma constante angústia em sua orfandade. Isso nos faz lembrar de Marx e Engels (2010), quando afirmam, no *Manifesto Comunista*, que “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Em segundo lugar, o ser humano se ver entregue ao seus próprios apetites e desejos. Sua liberdade se torna o centro de sua vida. Nesse sentido, o ser humano se ver carregando a sua dor de maneira desamparada, mas livre.

Estamos no centro de um território que pode ser terrificante, mas também pode ser a esperança de se poder construir seu próprio destino. O problema da dor coloca em evidência o problema do sofrimento, do medo, do desespero e da angústia, cercado pela natureza e pela cultura. Buytendijk (1951) fala da natureza silenciosa e da civilização barulhenta que se fazem presentes na vida humana. Neste contexto, são as ciências positivas e a técnica que predominam por meio do ceticismo e do pragmatismo. Todavia, tudo isso não impede o ser humano de pensar sobre o sentido de seu sofrimento, apesar da possibilidade dele cair nas garras da superficialidade. A partir dessas reflexões iniciais, podemos afirmar que o sofrimento é a marca fundamental do ser humano. Recordamos de Kierkegaard (1979), quando em seu texto *Temor e Tremor*, compreende que a história de Abraão, um humano paradigmático pelo salto da fé, pode ser contada em diversas versões, no entanto, em todas elas haverá um traço comum: Abraão sofre. O ser humano sofre.

A Dor e a Essência do Gênero Humano

Pelo caminho da dor, perguntamos pela essência do gênero humano. Entra em cena não somente a sensação de dor, mas a atitude pessoal ao seu respeito. É possível sentir dor e desenvolver uma atitude de cólera ou de desespero. O corpo sente dor e a percebe como sendo sua dor. Desse modo, como diz Merleau-Ponty (1992), na *Phénoménologie de la Perception*, o corpo não somente experimenta a dor, mas se constitui, originalmente, sujeito dessa experiência. Podemos encontrar nessas reflexões o problema do sentir colocado em evidência. Não podemos pensar o problema da dor sem contemplar uma teoria do sentir. É com base nessa compreensão, que acreditamos ser possível estabelecer um diálogo entre Buytendijk e Merleau-Ponty a partir de uma reflexão sobre a dor de existir, que expõe as fragilidades humanas.

A dor gera, nos humanos modernos, o desamparo de um mal-estar radical, que produz uma luta contra tal sofrimento. Todo esforço de conter o caráter irritante da dor serve apenas para esconder a fragilidade e o sofrimento do corpo humano. O saber biomédico, usado para combater a dor, não consegue conter a ameaça do sofrimento. O ser humano moderno não consegue aceitar com serenidade sua condição de um ser que sofre. Ele vive como se a dor não devesse existir. Os mistérios do corpo devem ser descobertos para combater a dor. A ciência precisa encontrar meios para suprimir a dor. Todavia, uma vida anestesiada, nos distancia da

¹ Buytendijk é formado em medicina e conhecido, sobretudo, pelos seus estudos na psicologia. Todavia, optamos por nomeá-lo nesse artigo como filósofo por reconhecermos seus esforços de estudar a vida humana pelos caminhos do método fenomenológico e, desse modo, produziu uma série de estudos de natureza filosófica.



dor de existir. Para Le Breton (2013, p. 48), “a dor é o índice de um sofrimento existencial que ecoa na carne e permite socialmente um contato, um reconforto”.

Pelo corpo, podemos perceber que o traço característico do ser humano é o sofrimento. Todavia, para Buytendijk (1951), o ser humano moderno se recusa a aceitar esta condição de sua existência. Até mesmos os cristãos modernos apelam para desconsiderar o caráter extraordinário da dor como forma de ascese espiritual. A pedagogia do sofrimento é abolida pelos cristãos modernos.

Mesmo que Buytendijk, como médico e filósofo, tenha considerado o corpo que sente dor a partir da sociedade moderna, diferente de Merleau-Ponty que, como filósofo, pensou o corpo no contexto da filosofia sem considerá-lo explicitamente no cenário histórico da modernidade, é possível encontrar um caminho de ligação entre esses dois pensadores a partir da perspectiva de que a dor não se reduz a experiência de uma mera sensação. Buytendijk e Merleau-Ponty desejam considera a dor se apropriando da compreensão de que ela é a experiência fundamental de ser humano. Ambos retiram a dor das explicações do mundo sem mistério das ciências positivas e a coloca no mundo da existência, constituído por um horizonte aberto de sentido.

Medicamentos, quase mágicos, descobertos pelo saber técnico nos afastam de compreender a dor como um fenômeno vivido. O sentir para Buytendijk e Merleau-Ponty não é apenas uma questão de natureza orgânica, mas diz respeito a um modo de existir. O desconforto da dor, provocada pela fome, sede, fadiga, corte, queda ou luto, é vivido por um sujeito. A experiência de sentir dor se faz por meio de um campo perceptivo que se expressa e atualiza no corpo por meio de atos intencionais. É por essa razão que Buytendijk (1951) diz que, quando o corpo sente fome ou sede, ele produz ações em direção do alimento ou da bebida. O corpo vive a experiência de desprazer como forma de existir desagradável. Essa experiência pode ser considerada como como vivências do corpo como sujeito, conforme pensa Merleau-Ponty (1992).

Existem situações dolorosas e estados dolorosos vividos pelo corpo como sujeito do sentir. Nesse contexto, é preciso distinguir a dor de um ferimento e a dor de perder uma pessoa querida ou da culpa. O primeiro é um sofrimento físico e o segundo é uma aflição psíquica. Apesar da diferença, ambos os quadros de dor exigem uma experiência da dor. Segundo Nasio (2007), a dor causada por um ferimento é diferente da dor causada por um laço afetivo. A primeira agride algum tecido do corpo. A segunda provoca rupturas entre aquele que ama e seu objeto amado. Todavia, vive-se pessoalmente a dor física, moral e de amor. A dor, que nos atormenta pela ferida, doença, inflamação, ausência da pessoa amada ou pela falta de esperança na vida, é vivida como uma desarmonia existencial. A unidade de nossa existência pessoal é sentida como aflição de nosso corpo próprio. É o meu corpo que dói, é minha mão que dói, é meu ventre que se aperta ao ver alguém que sofre. É no secreto de mim mesmo que sinto a intensa dor que me faz deseja separar-me do meu corpo e de mim mesmo. Sou eu mesmo que grito, gemo e lamento minha própria dor. É por esta razão que Nasio (2008) comenta que, no contexto da dor, não se separa o fenômeno doloroso, que se explica objetivamente, das consequências psíquicas sociais da dor, que se interpreta considerando as vivências pessoas daquele que sente.

A Dor como Experiência Vivida

Como afirma Buytendijk (1951), ninguém escapa da experiência da dor. Ela é o sinal de nossa existência efêmera e reveladora de que a vida contém nela mesma as possibilidades de ser sua própria inimiga. A dor “é a sombra e a advertência da morte” (Buytendijk, 1951, p. 17). O próprio corpo vive a inevitável e inegável presença da dor. Mesmo que a dor circunstancial venha a passar, mas a condição de ser que sofre é permanente. É pela dor que existimos como ser que, em vida, nunca deixa de sofrer.

A ciência positiva pode até desejar encontrar uma significação exata do que seja a dor por trás de todo fenômeno de dor, vivido por um sujeito. Ela até pode acreditar na existência da dor como uma realidade por trás de toda aparência fenomênica descrita por um sujeito. Todavia, adotando a perspectiva de uma fenomenologia da dor, é possível encontrar em Buytendijk e Merleau-Ponty um esforço de mostrar a dor como experiência vivida. Ambos pensam que só se pode refletir sobre a dor a partir da descrição daquele que sente dor. Os esquemas de explicações mecânicas não alcançam o coração da dor humana. É pelo caminho da fenomenologia da dor que Buytendijk e Merleau-Ponty encontram meios para compreender a dor entrelaçando fenômenos corporais e estados de consciência. Somente uma leitura cartesiana pode assegurar uma compreensão que separa uma visão fisiologista e psicológica da dor.

Do ponto de vista da dor de existir, quando vivenciamos a experiência de sentir dor, estamos considerando, seguindo os passos de Merleau-Ponty (1992), que a dor não é uma mera reação fisiológica ou um estado mental da consciência. O propósito é não separa o sentir do representar. Sentir dor é uma forma de nosso corpo se conduzir no mundo. Segundo Gély (2000), a experiência de sentir é sempre uma “auto-afecção” de uma subjetividade originária que se expressa como corpo próprio. Nesse sentido, a dor é o sentido vital de existir. Pela dor, construímos modos de se dirigir ao mundo.

Podemos afirmar que Buytendijk (1951) propõe uma fenomenologia da dor. Ele afirma que os estudos da dor, seguindo modelos orgânicos funcionais, encobrem uma leitura do organismo inteiro, uma de suas ações recíprocas com meio ambiente. Só um estudo fenomenológico pode alcançar uma visão ampliada da dor, que contempla uma leitura dos organismos como uma unidade somática e psíquica. Merleau-Ponty não faz uma fenomenologia da dor, de maneira explícita, mas propõe uma fenomenologia do sentir. Ora, se a dor



é a experiência de sentir por excelência, podemos aproximar esses dois pensadores que recorrem à fenomenologia como base para elaborar seus pensamentos. Ambos se ocupam do ser humano que sofre e não da dor de maneira isolada. O olhar dos dois se voltam para as súplicas do ser humano tomado pela dor de existir.

Se nos atentarmos apenas para uma compreensão fisiológica da dor, iremos nos ocupar em explicar como a sensação de dor nasce das terminações nervosas ligadas ao sistema nervoso central. Estaremos diante do problema dos organismos reagindo às impressões de dor. O foco se concentra na significação funcional da dor. Os manuais de fisiologia mostram que a dor é uma experiência, marcadamente neurológica, provocada por excitações, em especial na pele. Em contato com o calor ou o frio excessivo, há sempre uma tendência de se sentir dor. O tecido cutâneo é o responsável direto pelas experiências de contato do corpo com o mundo, que pode provocar sensação de dor.

As fibras nervosas revelam a existência de receptores de impressão de dor que são ativados em função de excitações. Podemos considerar uma picada de agulha numa determinada região do corpo ou o contato com um frio intenso como formas de excitar os organismos e provocar sensações de dores localizadas ou difusas. Observações experimentais tendem a apostar na ideia de liberação de substâncias químicas e irritação das terminações nervosas como causas da dor. Todavia, é preciso levar em consideração os movimentos do corpo estabelecendo contatos com o meio ambiente. Nesse sentido, tanto Buytendijk como Merleau-Ponty consideram que o sentir se realiza por uma reciprocidade com o sistema motor. Os movimentos, para ambos, não são pensados apenas como mudanças de lugares, mas como modo de existir. Segundo Merleau-Ponty (1992, p. 245), “o sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem é um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; mas uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou sincroniza com ele”.

Se traçarmos um paralelo entre aquele que sente a dor e a dor sentida, podemos dizer que é nesse sentindo que um sujeito pode afirmar que a dor é dele. Logo, a dor não se reduz a um mecanismo físico-químico, mas uma vivência intencional. O corpo vive uma experiência de entregar-se à dor como expressão de existência. É por esta razão que a dor tem uma dimensão motora que se expressa pelo serrar dos dentes ou dos punhos, acompanhados de caretas e o fechar dos olhos. Essas manifestações corporais é uma busca de diminuir a sensibilidade da dor. Em muitas ocasiões, o corpo busca o caminho da quietude para se livrar da dor. Podemos pensar aqui uma espécie de economia da dor, que procura uma liberação energética do corpo. Todavia, Buytendijk (1951) destaca que a dor se revela como um esforço que não se cumpri. Podemos pensar num alívio temporário que não impede da dor retornar com toda sua força a qualquer momento.

A experiência da dor está no centro de nossa relação pessoal com o nosso corpo. O sujeito que se identifica com o seu corpo nas suas diferentes ações intencionais parece ficar passivo quando sente dor. De uma certa forma, é possível pensar desse modo, pois não podemos nos livrar da dor que toma todo o corpo. Todavia, na ausência da intervenção de analgésico, o corpo se contorce e busca formas motoras para se livrar da dor. Ele não se apresenta como mera passividade. Ele se faz ativo na tentativa de se desvencilhar da dor. Podemos dizer que esse esforço serve de referência para se considerar a criação de técnicas como as dos yogas e dos faquires, que podem ser usadas para suportar a dor.

A Dor como Forma de Ser no Mundo

A dor é sempre uma sensação que exige um situar-se no mundo. Sentindo dor, buscamos realizar a impossível tarefa de se livrar dela por meio de nosso corpo. Pela dor, descobrimos que somos nosso próprio corpo numa perspectiva existencial. É sempre um fracasso querer livrar-se do corpo. A dor é a prova permanente de que se existe fundamentalmente enquanto corpo no mundo sensível. Nesse sentido, é possível apontar um horizonte de compreensão da dor que destaca o modo como o corpo reage a dor vivida sem reduzi-la a uma reação físico-química do cérebro. A dor não se reduz a um produto do sistema nervoso autônomo desligado do sujeito que sente. Gritos e gemidos expressam a dor como uma manifestação que não se limita a um fenômeno vegetativo do corpo. Esquemas explicativos, com base apenas em leituras fisiológicas, não conseguem compreender a complexidade da experiência da dor.

Tanto Buytendijk como Merleau-Ponty não consideram a dor como uma mera reação motora a determinados estímulos. Para eles, a dor é uma experiência sensível operada pelo corpo que se faz sujeito no ato de sentir dor. Mesmo sendo dotado de fala, o ser humano tem dificuldades de exprimir de maneira uniforme a experiência da dor. Logo, a dor não é um fenômeno objetivamente constatado. Se considerarmos os animais e os infantes – aqueles que ainda não falam – fica mais difícil ainda definirmos com precisão e com clareza, desprovida de mistério, qual seria o sentido da experiência da dor. Toda excitação de dor é acompanhada não apenas por uma reação, mas por uma expressão. A dor transita as fronteiras do automático e da expressividade.

Buytendijk (1951) aproxima a dor do sentimento de cólera e angústia para mostrar que ela é um estado afetivo capaz de manifestar emoções que revelam movimentos expressivos. Numa situação de dor, o ser humano e os animais são tomados por uma desordem motora que expressa um sentimento de dor. Nesse sentido, não existe apenas a sensação da dor funcional, automática e mecânica do corpo. Pela dor se experimenta um sentimento de dor que se revela pela inquietude caótica que gera uma agitação do corpo como expressão



de fuga do que se está sentindo. Mesmo que não seja possível comunicar o sentimento de dor, em função de limitações expressivas por meio da fala, o organismo, que sente dor, se expressa pelo comportamento de irritação e de fúria. Pela dor, o organismo experimenta a sensação do desagradável. As experiências desagradáveis geram processos de aprendizagens que possibilitam a formação de hábitos a partir da dor. Por meio da dor, reaprendemos a perceber o mundo. Ela acaba sendo referência para nosso modo de existir. A experiência desagradável passa a ser decisiva na elaboração de pressentimentos que nos fazem julgar a partir do medo de reviver um sofrimento.

A dor pode servir de um sinal de alarme de um perigo iminente. Nessa perspectiva, poderíamos dizer que a dor tem uma característica inevitável instituída pela natureza. A dor pode estar ao serviço da preservação de si e da espécie. A dor pode ser usada, de maneira inteligente, para colocar a motricidade do corpo ao serviço da manutenção da vida. Isso significa dizer que a vida é marcada de forma inexorável pela dor. O corpo tem, na sensibilidade da dor, uma faculdade de conhecimento. Podemos dizer que tanto Buytendijk como Merleau-Ponty concebem uma epistemologia do corpo que coloca a dor como estando na gênese do existir enquanto ser vivo. Quando nossos olhos são afetados por uma intensa luz, é nosso corpo inteiro que é afetado e busca meios para se livrar dessa situação incômoda. Isso mostra que a condição de ser afetado é a marca fundamental da vida, abrindo possibilidade para a dor e a vulnerabilidade.

A dor pode ser pensada não apenas no contexto de leis causais objetivas. Ela também pode ser considerada na perspectiva de sua forma e qualidade que definem as expressões fundamentais da existência. Buytendijk compreende que é somente na vida humana que podemos procurar a essência da significação da dor. O foco é a experiência do corpo próprio que experimenta a dor e pode descrevê-la como um fenômeno perceptivo. É nesse contexto, que podemos recorrer a possibilidade de considerar a dor numa perspectiva de vivência singular. É por esta razão que a dor não se reduz a uma sensação, mas ela também é um sentimento que pode ser descrito de maneira perceptiva. A dor não se reduz a um conjunto de reações fisiológicas. Ela é vivida por um corpo- sujeito que pode sentir em diferentes intensidades associadas ao sentimento de prazer e desprazer. Há aqui uma combinação de sensação e sentimento, que se revela de maneira perceptiva. Nós não apenas sentimos dor, mas podemos exprimir o sentimento de prazer e desprazer, vividos pela nossa capacidade de perceber.

Podemos considerar a sensação da dor, mas também o sofrimento causado pela dor. O sofrimento implica a existência de ações intencionais que possibilitam o corpo realizar diferentes modos de agir. A noção de corpo próprio visa eliminar a polaridade entre meu corpo e eu mesmo. Buytendijk e Merleau-Ponty colaboraram para superar esta polaridade. Acreditamos que pensar a dor, relacionando esses dois filósofos, pode ser um caminho para mostrar que a experiência da dor expõe o sofrimento humano como forma de existir. Uma dor intensa, sentida em função de um ferimento, pode ser contida pelo uso de analgésico. E a dor de sofrer, o que fazer com ela?

Tanto Buytendijk quanto Merleau-Ponty consideram que a dor deve ser considerada em função de uma unidade entre o sentir e o movimentar do corpo. A dor não é uma sensação passiva de reagir a uma lesão ou a uma situação traumática. Ela exige uma abertura para uma dimensão existencial em que aquele que sofre busca uma forma de se situar no mundo. Nessa perspectiva, a dor é fonte da experiência de que a vida humana é marcada pelo sofrimento e pela vulnerabilidade. A dor acaba gerando a expressão de uma impotência radical que nos faz ter a certeza de não se escapar da dor. A maior expressão dessa força impotente é o grito, que revela um sentir-se implicado numa situação em que não se pode fugir. Pela dor, nós nos descobrimos frágeis e impotentes. Sofrer é o destino dos seres humanos. Somos tomados pelo trágico destino do sofrimento, que não podemos escapar. Os gemidos são tentativas do corpo dizer: eu estou aqui vivendo o sofrimento de existir. Uma vida desprovida de sofrimento é um engano.

A Dor de Existir

É sobretudo a experiência dolorosa que nos faz ter a convicção que existimos. Imaginemos que seguimos a vida cotidiana sem se dar conta que uma parte de nosso corpo existe. Basta o menor sinal de uma dor de cabeça para que reconheçamos imediatamente que nossa cabeça existe e que ela é nossa. A dor faz com que nunca sejamos estrangeiros ao nosso próprio corpo. A dor é o sofrimento de pedido de aparo dirigido ao mundo em que se está situado. Cada sujeito que sofre toma para si mesmo a experiência de se angustiar com a presença excitante da dor. Nós experimentamos a nós mesmos pela dor. Ela é o parâmetro de alegria e de tristeza, que revela a intensidade de uma vida que se personaliza no corpo que a experimenta.

O corpo próprio não experimenta a dor como um sofrimento pessoal que se abandona na passividade de se existir. O humano não se contenta com a dor. É óbvio que, pela dor, pertencemos à natureza efêmera. Nós não apenas gritamos e gememos como sendo um gesto comum presente em todo aquele que sofre. Mas, segundo Buytendijk (1951), o ser humano expressa também um choro pessoal. O choro é a revelação da qualidade de pessoa que faz do corpo humano uma existência singular. Pelo choro, cada corpo revela sua qualidade de existência pessoal. A vida pessoal é sempre inacabada. Ela está sempre aberta como um horizonte, que expressa nossa condição humana. O corpo humano não tem apenas uma vida vegetativa e impessoal. Ele tem uma vida interior que lhe permite não apenas gritar e gemer de dor, mas chorar expressando um jeito



próprio de existir. Pelas lágrimas, cada ser humano revela quem ele é em seu sofrimento. Ele não é apenas levado passivamente pelo curso da natureza. É chorando, que cada ser humano se posiciona em relação à dor, criando sua própria dor.

O infante, que não consegue falar, encontra no choro a expressividade de sua dor inevitável. Essa manifestação pueril se perpetua, mesmo conseguido se passar para a fase da aquisição da fala. Por um processo educativo se estabelece uma orientação cultural de se aprender a controlar o choro. Desse modo, somos exigidos a adotar uma postura audaciosa de guardar as lágrimas e sermos corajosos. Orientados por uma pedagogia da coragem, somos conduzidos a enfrentar a dor. Uma perspectiva moral é introduzida no contexto da dor. Uma atitude heroica é exigida para manifestar a capacidade de suportar a dor. Em certas culturas, desde cedo, as crianças são encorajadas a suportar o sofrimento da dor e conter o choro.

Da luta heroica contra a dor nasce um espírito cavalheiresco de suportar a dor. Em busca de glória e triunfo, encontramos humanos tentando fazer uso da vontade para dominar a dor. Eles vivem dependente das representações que os outros e ele mesmo fazem de si para manter sua posição heroica. A dor foi transformada num valor moral. Somos exigidos a considerar o sofrimento da dor como uma caminhada ascética em direção ao controle interno daquilo que não se pode dominar totalmente. O ser humano é aquele que sofre e a dor é realidade fundamental de sua existência. Pela dor nos fazemos sensíveis e encontramos a razão de existir enquanto ser humano. Por meio da dor, podemos adotar posturas de resignação, pessimismo ou esperança. Ela nos exige ser mais do que um organismo que sente dor. Somos seres que sofrem e que precisamos criar uma forma própria de expressar o sofrimento. A dor é, neste sentido, também um fenômeno autoral na medida em que ela nos exige uma resposta pessoal ao que sentimos.

É bem verdade que podemos evocar aqui as dores do crescimento para falar de dores que são sentidas como algo que invade o ser humano. Particularmente, a dor do parto, que é vivida exclusivamente pelas mulheres, também pode ser considerada como uma sensação que é vivida como uma experiência vital. Todavia, toda dor nos faz saltar para o âmbito pessoal. Como diz Buytendijk (1951), a dor é a manifestação ontológica de uma existência individual. Situações vitais de dores são transformadas em atitudes que personificam as dores. Encontramos toda força de nossa humanidade na forma que reconhecemos que, pela dor, participamos de uma maneira de viver absolutamente pessoal. Do mesmo modo que recorreremos à noção de corpo próprio para falar de um modo singular de existir enquanto subjetividade encarnada no mundo, podemos também considerar a dor vivida. Pelos caminhos de uma fenomenologia da dor, podemos chegar a dor de cada um em seu sentido experiencial. Tomando estes caminhos, alcançaremos as elaborações de uma compreensão do sofrimento como expressão existencial do humano. Independente, das diferentes formas de vivenciar a dor, existe um elemento que liga todas essas formas, que é o sofrimento humano. Desse modo, alcançamos uma elaboração essencial do ser humano como aquele que sofre. Sofremos e sabemos que sofremos, logo somos humanos.

Para Buytendijk (1951), existe dois domínios da dor. Um domínio associado à dor, que nos faz reagir de maneira imediata às sensações dolorosas. Existe um outro que diz respeito à dor enquanto miséria humana, pela qual cada ser humano reage segundo sua qualidade de pessoa. Diante desta miséria, cada ser humano pode construir seu percurso individual em busca de sentido para sua existência. É preciso reconhecer que cada comportamento de expressão pessoal do sofrimento da dor é vivido numa comunidade. Nesse sentido, o sofrimento pessoal ganha uma ligação comunitária. Nosso percurso de pensar a dor chega a um cenário de florescer a sensibilidade da necessidade de cuidarmos uns dos outros. Desse modo, podemos elasticar os limites da dor pessoal para alcançarmos o sentimento de uma dor coletiva. Apontamos aqui a possibilidade dos caminhos das dores nos levarem para a solidariedade entre os humanos. Mas essa solidariedade precisa superar a possibilidade da guerra, que está sempre em vias de acontecer.

A Dor e o Horror da Guerra

Para pensar a possibilidade da guerra, podemos considerar as cartas trocadas por Einstein e Freud em 1932 (Einstein, 2005; Freud, 2005). Einstein se pergunta se existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra. Para ele, a lei e o poder estão de mãos dadas, criando uma tensão que pode nos levar ao uso da violência. Nesse sentido, é possível vislumbrar o uso da lei para conter o uso da força da guerra. Para isso, seria preciso criar uma organização internacional para que seja possível instituir uma legislação mundial para proteger à humanidade. Essa instituição seria a ONU – Organização das Nações Unidas, que, de maneira embrionária, estava em formação por meio da Liga das Nações. Todavia, Einstein era consciente das limitações desta alternativa, pois compreendia que os seres humanos possuíam dentro de si um desejo de ódio e destruição que poderia ser usado para fazer a guerra. Foi por esta razão que Einstein resolve consultar Freud para fazer um intercâmbio de pontos de vistas sobre as ameaças da guerra, considerando a visão psicanalítica, que reconhece um pendor à agressividade como sendo típico dos humanos. Isto fica bem evidente no texto *Mal-estar na Civilização* de Freud (2010).

Freud inicia sua carta se perguntando o que pode ser feito para proteger a humanidade da maldição da guerra. Ele opta em não pensar sobre esse assunto fazendo relação entre lei e poder, mas entre direito e vio-



lência. Na compreensão de Freud, quase sempre, os conflitos de interesses entre os humanos são resolvidos pelo uso da violência, posição comum em todo reino animal, do qual o ser humano não tem motivo por se excluir. Freud pensa, a partir de sua hipótese da horda primeva, que a superioridade da força muscular era sempre usada para fazer prevalecer a vontade do mais forte. Essa força foi suplementada e substituída pelo uso de instrumentos. Logo, prevalecia a força daqueles que tinham as melhores armas ou daqueles que tinham as maiores habilidades ou manejos dessas armas. Nesse contexto, os seres humanos começaram a se juntar para formar coletividades mais poderosas para vencer os adversários. A força da coletividade abriu caminho para se formar pactos em torno da lei. Todavia, a lei não eliminou a violência, tornando ela mesma uma forma de violência.

Freud busca deixar claro, em sua carta endereçada a Einstein, que não existe forma de eliminar totalmente os impulsos agressivos do ser humano. De nada vale tentar abolir as inclinações agressivas dos seres humano. Apesar desta posição, que revela um olhar determinista, Freud pensava que seria possível tentar desviar esses impulsos agressivos num grau tal que não seja necessário encontrar a expressão desse impulsos por meio da guerra. Ele tinha esperança na força da razão como meio para subordinar a vida instintiva à cultura civilizatória.

Essas cartas serviram de alerta, mas não impediram o acontecimento da segunda guerra mundial. Somos testemunhos de corpos dilacerados em combates ou cruelmente mortos em sessões de extermínio em campos de concentração. A dor estava por toda parte. O sofrimento foi vivido ao extremo. Com o olhar voltado para o horror da guerra, podemos encontrar toda força de se criar a noção de corpo próprio pela tradição da filosofia fenomenológica; perspectiva adotada por Buytendijk e Merleau-Ponty para pensar o sofrimento humano a partir da dor de existir.

O corpo não poderia mais ser visto e reduzido a um organismo apenas, determinado por explicações causais da anatomia e fisiologia. O corpo, pelo caminho fenomenológico, é considerado a partir do modo como cada sujeito o percebe a partir de seus vínculos intercorpóreos construídos de maneira sociocultural. O corpo não será mais concebido separado da consciência. Não podemos deixar de reconhecer o papel desempenhado pela ciência moderna no sentido de desvendar vários mistérios estruturais e funcionais do corpo por meio de estudos que produziram formas de decompor o corpo em *partes extra partes*. Todavia, todas as diferentes partes do corpo estabelecem apenas relações exteriores desprovidas de uma experiência perceptiva e intencional do próprio sujeito que vive o seu corpo.

Conceber o corpo como objeto e a como consciência sujeito, devidamente separados, nos distanciam dos comportamentos humanos que se expressam de maneira sensível sem estabelecer uma fronteira nítida entre os conteúdos sensíveis e mentais. Se adotarmos a perspectiva do corpo próprio poderemos compreender a dor como uma experiência que é ao mesmo tempo sentida como sensação degradável e como percepção de sofrimento. Corpo e mente se entrelaçam para constituir um sujeito que vivencia experiências senso-perceptivas. As reações de Buytendijk e Merleau-Ponty contra a moderna forma de ver o corpo não é a penas uma contraposição filosófica no sentido teórico. Elas revelam uma posição contra o horror da guerra que exige uma nova forma de ver o mundo.

A sensação da dor pode ser explicada como reação comum a todos os corpos que vivem a experiência desagradável de sentir dor. Para amenizar essa sensação podemos fazer uso de potentes analgésicos. Soldados que sentiam dores, por conta de ferimentos graves, pediam doses elevadas de morfina para suporta a morte, que tomava conta de todo seu corpo. Mas essa leitura não nos permite de se apoderar de um perspectivismo capaz de revelar uma pluralidade de percepções em relação ao sofrimento da dor. Foi recorrendo à noção de corpo próprio, presente na forma de pensar de Buytendijk e Merleau-Ponty, que conseguimos considerar a dor numa perspectiva existencial.

Pelo viés perceptivo, podemos entrar em contato com facetas escondidas da dor, reveladas por um sujeito que vive e narra o seu sofrimento. Nessa direção, podemos considerar o choro de uma criança, escondida num abrigo antiaéreo, como expressão de dor e de medo aterrorizante escutando o bombardeio ensurdecido dos aviões. Podemos ainda se apropriar de cenários em que judeus, marchando em silêncio, expressavam a dor de uma guerra que matavam pessoas por serem considerados seres inferiores. Pela percepção, a dor pode ser considerada em diferentes perspectivas. Assim, a dor é sempre vivida no mundo a partir de um ponto de vista e não apenas uma sensação objetiva.

Pelo viés fenomenológico, a dor não está diante daquele que a sente como um objeto a ser observado, mas uma presença percebida que interfere no nosso modo de ser no mundo. Pelo corpo próprio, a dor pode ser vista como uma dor pessoal. Segundo Merleau-Ponty (1992), quando sentimos uma dor numa parte qualquer de nosso corpo, temos um espaço constitutivo da dor. Não é um pé ferido nem um prego qualquer o responsável por uma suposta causa da dor. Eles se tornam objetos no mundo em que projetamos uma dor sentida na intimidade do corpo próprio, que vive diferentes modos de existir situando-se no espaço. O pé e o prego não são objetos dispostos no espaço, um ao lado do outro. Eles não constituem um conjunto de pontos ordenados no espaço objetivo. Ambos, o pé e o prego, possuem modos de existir no espaço em função do corpo próprio, que se orienta no mundo colocando-se em relação espacial.

O corpo próprio tem a capacidade de constituir-se como unidade interna, que Merleau-Ponty (1992)



denomina de esquema corporal. Logo, as partes do corpo próprio se relacionam entre si de modo absolutamente original na medida em que elas são envolvidas sobre si. O corpo próprio cria um invólucro para abrigar todas as partes do corpo num arranjo em que há uma conexão entre elas. As partes do corpo não são uma coleção de pontos dispostos no espaço. Eles formam um sistema total que se constituem numa unidade pelo sentir e pelo movimento.

Para Merleau-Ponty (1992), não é nunca o nosso corpo objetivo que movemos para realizar ações intencionais no mundo. É sempre por meio de nosso corpo fenomenal que realizamos ações conduzidas por uma potência de ação de se situar no mundo em que se vive. É nesse contexto que a dor é fenômeno vivido. A dor é a expressão de um sentido vivido e de ação intencional. Tal perspectiva coloca a guerra ou sua ameaça no cenário da dor de existir.

Considerações Finais

Buytendijk e Merleau-Ponty questionam o esforço da ciência moderna de considerar a dor a partir da construção de uma ruptura entre o explicado objetivamente e o vivido de maneira perceptiva. Tanto um como o outro buscam pensar um entrelaçamento entre a dor fisiológica e dor vivida. É por este caminho que podemos falar da dor por meio da descrição do sofrimento em seu sentido existencial. Assim, a dor pode ser experimentada e vivida em diferentes sentidos. Ela deixa de ser uma mera informação de uma sensação para ser a narrativa de uma pluralidade de sentidos de ser no mundo.

O esforço da modernidade em eliminar a dor pela ciência e pela técnica parece desejar anular o sofrimento humano. Seria este esforço o sinal do fracasso da construção da humanidade? Em outras palavras, reduzir os estudos do corpo ao conhecimento de sua funcionalidade não significaria nos reduzir a uma máquina que tem sensação de dor e não a um sujeito capaz de ter o sentimento pessoal de perceber sua dor?

Do ponto de vista da dor de existir, o ser humano é considerado por meio do sofrimento. Pelo lado da dor como sensação desagradável, que pode ser anestesiada, podemos considerar que o humano está ameaçado. Não somos contra o uso de formas científicas e técnicas de eliminar a dor por meio de fármacos ou anestésicos. Não é isso que está em questão aqui. Nossa crítica se dirige ao reconhecimento de que não conseguimos, somente pela ciência e pela técnica, ter um olhar alargado capaz de considerar a dor como modo de ser no mundo. Por meio do corpo próprio, podemos pensar a dor como forma de existir que nos identifica como ser humano pelo viés do sofrimento. O respeito a dor passa a ser central no reconhecimento de nossa humanidade. Tal respeito exige empatia e responsabilidade pela dor do outro. Podemos evocar o trabalho da cultura que nos liga uns aos outros. Esse trabalho de ligação é o que Freud denomina de amor, em *Mal-estar na Civilização*. É por esta razão que Buytendijk (1951) encerra suas reflexões sobre a dor falando sobre ao amor. Pela dor, descobrimos que precisamos cuidar uns dos outros.

O amor é o sinal de esperança de que podemos nos ligar ao outro para expressar a compaixão pela sua dor. Não se tem garantia nenhuma que esse amor possa ser expresso. Todavia, podemos pensar no horizonte de possibilidade em função da sensibilidade que o sofrimento coloca o ser humano. O sofrimento, como essa espécie de dor constitutiva enquanto mal-estar fundador da humanidade, não se pode excluir. Se o sofrimento não pode ser eliminado, que destino podemos dar a essa condição de existir? Parece que uma resposta em favor do humano é recorrer ao trabalho do amor em que somos chamados para cuidar uns dos outros pelo amor. Os investimentos humanos no amor revelam toda força da dança da vida que manifesta a experiência autêntica do encontro. Essa experiência, segundo Silva (2014), exige a realização dos movimentos de meu corpo que busca se fazer presente no corpo de outrem.

É pelo amor que podemos sonhar e desejar a manutenção de um pacto civilizatório entre os humanos. Nesses termos, o apelo é o sofrimento, cuja expressão é a dor de existir. A resposta ao sofrimento é o cuidar, cuja expressão é a solidariedade entre os humanos, que fazem o trabalho da cultura para construir uma humanidade possível. Essa construção é um caminho aberto, pois o que somos é sempre um ser de infinitas possibilidades. É por esta razão que a dor não é apenas uma reação sensorial, mas uma ação criadora de sentido. Com base nessa interpretação, talvez possamos apontar um horizonte de continuar investindo na construção da civilização no lugar de decretar sua falência.

Finalmente, as reflexões que realizamos sobre a dor em Buytendijk e Merleau-Ponty nos faz concluir dizendo que ambos colaboraram para retirar a dor do universo da gramática fechada da anatomia e da fisiologia e para colocá-la na gramática aberta do sujeito e da cultura. Nessa perspectiva, o sofrimento humano ganha elaborações dinâmicas que entrelaçam subjetividade e sentido na vida. A dor não é apenas uma sensação mecânica de desprazer, mas é abertura para produção de sentido. Ela é o espanto vital da existência na medida em que junta vivência e sentido. A dor não é apenas uma sensação de incomodo, mas também a vivência subjetiva da angustia de existir.



Referências

- Buytendijk, F. J. J. (1951). *De la Douleur*. Paris: PUF.
- Freud, S. (2005). *A resposta de Sigmund Freud a Albert Einstein*. In: *Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?* Apresentação de Deisy de Freitas Lima Ventura, Ricardo Antônio Silva Seitenfus. Santa Maria: FADISMA.
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização*. Tradução de Pulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Einstein, A. (2005). *Correspondência de Albert Einstein à Sigmund Freud*. In: *Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?* Apresentação de Deisy de Freitas Lima Ventura, Ricardo Antônio Silva Seitenfus. Santa Maria: FADISMA.
- Gély, R. (2000). *La genèse du sentir. Essai sur Merleau-Ponty*. Bruxelles, Ousia.
- Kant, E. (1985). *O que é o iluminismo?* In: *Texto seletos*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes.
- Kierkegaard, S. A. (1979). *Temor e tremor*. In: Os pensadores, Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural.**
- Le Breton, D. (2013). *A antropologia da dor*. São Paulo: Fap-Unifesp.**
- Marx, K. & Engels, F. (2010). *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo.**
- Merleau-Ponty, M. (1992). *Phénoménologie de la perception*. Paris, Gallimard.
- Nasio, J-D. (2007). *A dor de amar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nasio, J-D. (2008). *A dor física*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Silva, C. A. F. (2014). **A dança da vida: Buytendijk e a fenomenologia do encontro**. *Revista Estudos Filosóficos (São João Del Rey)*, 13, p. 73-86. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revis-taestudosfilosoficos/art6%20rev13.pdf> .

Recebido em 05.10.2020 – Aceito em 12.01.2021